

Um dizer discursivo sobre a leitura: diálogo, prazer e autonomia

Ieda M. Donati Linck¹

Antonio Escandiel Souza²

Resumo: A leitura, objeto transformador na relação entre ensino e aprendizado, é um hábito que está presente em todos os momentos da vida do sujeito. E, acima de tudo, está integrado no seu desenvolvimento como viabilizador sistemático da linguagem, da escrita e da personalidade. O ato de ler, considerado em sua dimensão mais ampla, constitui um dos mecanismos por meio do qual é possível compreender melhor o mundo, suas deficiências e possibilidades. Entretanto, o hábito da leitura não basta, é preciso ter o gosto pela mesma, para que se possa incorporá-la às atividades do cotidiano de forma prazerosa. O hábito de ler facilita o diálogo, torna a pessoa mais crítica e sujeita à mudança. Cientes disso, o projeto *Leitura uma prática à liberdade*, vinculado à Universidade Cruz Alta, desenvolvido desde 2007, numa escola periférica da cidade, busca fomentar o gosto pela leitura. Os alunos participantes do projeto compreendem, a partir de atividades lúdicas e dinâmicas, aquilo que leem, percebendo que essa prática pode proporcionar muito prazer, agregado à aprendizagem de outras disciplinas. Com a ajuda de monitores, professores e bolsistas fomenta-se nas crianças e jovens, participantes do projeto, o prazer da leitura, atendendo e conduzindo à formação de novos leitores, capazes de transformar o meio em que vivem.

¹ Doutoranda em Linguística, no PPGL da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora da Universidade de Cruz Alta (Unicruz) Bolsista PICD Unicruz, bolsista Capes – Parfor.

² Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Mestrado em Práticas Socioculturais da Unicruz.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 15	n. 25	p. 17 - 32	Recebido em: 80 out. 2013. Aprovado em: 18 nov. 2013.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	------------	--

Palavras-chave: Professor. Leitor. Mediador. Transformação.

INTRODUÇÃO

Numa sociedade que busca sujeitos cada vez mais competentes, é necessário que os jovens sejam seguros e aptos para decidir por uma profissão. E, para obter sucesso nas seleções pelas quais passarem é preciso que tenham desenvolvido suas habilidades para saber ler, interpretar, escrever, relacionar, analisar, com êxito, as questões apresentadas. Sabendo que isso não é simples, buscamos mobilizar os educadores para que envolvessem os educandos, durante o seu percurso escolar, para a aprendizagem, pois para aprender é preciso querer. E, este querer, deve envolver tanto o educando quanto o educador.

E, como conseguir isso? Pela leitura. Ela é ainda um dos maiores determinantes na vida de um cidadão. A criança quando aprende a ler encontra na compreensão das palavras, a relação lógica das orações, ameniza sua relação com o mundo e consigo mesma, no pensamento abstrato. Por isso, precisamos refletir sobre as propostas metodológicas que os educadores desenvolvem com os alunos. A leitura promove o diálogo e a liberdade dada às crianças para falar com o professor e com seus pares é tão determinante, de maneira como elas aprendem a pensar sobre o que leem, quanto o é a demanda cognitiva das questões apresentadas pelo professor. E, essa prática é oriunda do diálogo que ele faz no momento da leitura, e a criança se encoraja a falar a partir da relação que se estabelece; é ali que ela aprende a posicionar-se “diante de”. E, mais:

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente através da promoção, do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGER, 2000, p. 11).

Nesse sentido, e considerando as desigualdades do mundo atual, é fundamental a importância da educação, da cultura e da informação como pilares no conhecimento e na cidadania. Nós

*Jeda M. Donati
Link*

*Antonio Escandiel
Souza*

18

entendemos que um dos meios pelo qual esse objetivo pode ser alcançado é pela leitura. O indivíduo, depois do seu ingresso na escola, deve ser capaz de construir seu próprio conhecimento, pois é alfabetizado para poder ler e assim desenvolver uma cultura acadêmica. Aprofundar-se nas ideias de grandes pensadores, saber o que aconteceu ou o que está acontecendo, participar das histórias lidas como personagens, viajar por mundos até então desconhecidos são prazeres que apenas a leitura proporciona. Nos livros um universo sem fim espera pelo leitor, basta seguir as palavras para que se possa penetrar nelas, como se fôssemos personagens ocultos no meio de variadas frases e palavras.

O livro, nesse sentido, é uma espécie de passaporte para uma viagem que começa já na primeira linha, mas que não se sabe, jamais, onde poderá terminar. Nessa viagem é possível, inclusive, tornar-se sujeito de uma nova história: aquela que se lê, partindo para uma viagem a qual cada um faz a sua maneira; contudo, para que isso possa acontecer, é preciso que tenhamos um livro à mão. É com este propósito que o projeto Leitura: uma prática à liberdade foi implantado, para que por meio dele, crianças, jovens e adultos sejam apresentados à atividade mais produtiva, de suas vidas: a leitura.

Crianças e jovens devem, então, ser educados para pensar e refletir sobre todos os gêneros textuais. O pensar e o refletir não surgem de repente nas pequenas mentes, aparecem devagar, vão sendo construídos com a interpretação de uma leitura, com as conexões estabelecidas entre uma leitura e outra. Para que isso aconteça, no entanto, é necessário que eles sejam estimulados de forma que passem a gostar da leitura, como possibilidade de formar o seu próprio processo de construção de conhecimento em diversas áreas. Assim, “deveria haver uma maneira de envolver a leitura com outras matérias, mas tudo é muito separado. Embora na moda, a interdisciplinaridade nunca acontece” (MURRAY, 2000, p. 20).

Mais do que conteúdos, “a leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela” (BATISTA et al., 2006, p. 40). Dessa forma, deve-se levar em conta que cada leitura é

única. Ler antes de qualquer coisa é um ato de liberdade, que nos faz acreditar na possibilidade de ir além, ousar e repensar o passado, com os olhos de hoje para anunciar um amanhã melhor. Nesse sentido:

O prazer pela leitura não é apenas conquistado em um espaço individualista, onde cada um busca a profundidade naquilo que lê, mas sim em atividades, processos que envolvem dois ou mais leitores estimulados pelos professores, bibliotecários e pelos próprios pais que devem integrar seus filhos em uma cultura de novos leitores. A leitura é um processo que liberta e constrói o indivíduo. Por isso, acreditamos que é preciso resgatar o desejo de aprender a ler dos alunos (CADERMATORI, 2001, p. 33).

Jeda M. Donati
Lince

Antonio Escandiel
Souza

20

É sobre a importância da leitura, sua iniciação, percebendo-a como caminho para o aprendizado, à emancipação e à autonomia do sujeito, que pretendemos discutir neste artigo. Além disso, abordamos sobre uma prática pedagógica capaz de despertar à leitura, apontando os fatores que interferem nesse processo. Fazemos também uma reflexão sobre se o hábito de ler deve ser entendido como hábito ou gosto. E, por fim, apresentamos um dizer sobre a leitura, com base em um projeto que vem sendo desenvolvido numa escola pública da periferia de Cruz Alta/RS, que visa à construção da autonomia e do senso crítico dos participantes, de forma prazerosa.

O que se pode adiantar é que não devemos idealizar o impossível em relação à leitura. No entanto, é possível fazer a diferença por meio de ações aparentemente simples, mas que venham ao encontro do educando, o qual deve ser percebido em suas diferenças, limitações, mas principalmente fortalezas, sendo que “o ler e/ou escrever não deve ser feito com constrangimento, mas como caminho de libertação” (KRAMER, 2001, p. 150).

1 LEITURA: ALGUMAS INDAGAÇÕES...

Conforme Jorge Luiz Borges (apud MACHADO, 2002, p. 130),

[...] pegar um livro e abri-lo, guarda a possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro?

O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é livro se não o abrimos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez.

Essa noção reforça a importância da leitura. No entanto, foi apenas em meio à década de 1970 que, no Brasil, a leitura foi alçada à condição de um campo delimitado de investigação teórica e metodológica. Antes disso, existiam, sobretudo, estudos e propostas de métodos renovadores de alfabetização, pesquisas sobre hábitos e preferências de leitor e discussões de problemas relativos ao ensino.

Ao lado da renovação verificada no campo intelectual vieram os problemas particulares que abrangem nossa sociedade, de modo que o processo de alfabetização nas escolas inclui pequenas quantidades de leitura de textos nas séries iniciais à alfabetização. Com isso, o ensino enfraquece em algumas regiões do Brasil, classificando-as como regiões de baixa qualidade de ensino. Historicamente, a falta de qualidade do material indicado para ser lido, denuncia também o não incentivo à leitura por parte dos educadores, que acaba por afastar seu público, suas crianças de uma biblioteca, e até mesmo da própria escola, podendo por consequência prejudicar o leitor com o universo social e cultural, ao qual ele pertence.

A posse e uso da escrita são privilégios que reservam para si as classes dominantes; por isso, a escrita traz a marca dessas classes, não só pela utilização da norma lingüística socialmente prestigiada, como também a ideologia que veicula. Falo de uma das determinações múltiplas da produção da leitura, sem dúvida a mais importante do ponto de vista político-ideológico: falo de lugar social e histórico a partir do qual o leitor produz e cria seu texto (ZILBERMAN, 2000, p. 25).

As crianças precisam ter êxito no seu primeiro contato com a leitura, pois sua atitude pode ser de apreciação ou de repulsa, dependendo sempre de como a criança vai reagir, poupando-lhes de angústias e frustrações. Eis aí a função do professor.

*Um dizer discursivo
sobre a leitura:
diálogo, prazer e
autonomia*

2 A LEITURA PERCEBIDA COMO RECURSO À APRENDIZAGEM

Partindo do pressuposto que “o indivíduo faz-se homem e liberta-se através da leitura” (FREIRE, 1986, p. 52), é incontestável a importância desta prática na formação de crianças e jovens. Prática esta que só acontece na sua plenitude quando existe a cumplicidade do leitor com o texto. É possível afirmar, então, que o prazer pela palavra escrita só será obtido se a leitura for conduzida de forma agradável, prazerosa, para não ficar apenas num plano superficial. O ato de ler deve ser estimulado e desenvolvido junto à dimensão social, com a intenção de esclarecer e questionar certos conceitos de leitura e, ainda, atentar para a questão da falta da mesma, bem como de recursos físicos e humanos para conduzir o processo de formação de leitores.

Assim, para o desenvolvimento de hábitos, atitudes e habilidades de leitura há de se afetar o conhecimento dos educandos, revelando ao mesmo tempo, a herança cultural a humanidade, tornando-os cientes e conscientes das responsabilidades sociais, enfim dando competência e a segurança necessária que eles vão precisar na vida. Esta primeira necessidade de responsabilidade acontece ainda na escola, a partir do momento em que a criança se transforma em um adolescente crítico à margem da realidade da escola que frequenta.

No entanto, o que precisa realmente acontecer, indispensável para uma leitura saudável, é a superação de metodologias ultrapassadas empregadas por professores, que utilizam métodos inacessíveis a seus alunos. Teoricamente, todo professor sabe que é necessário despertar as crianças e os jovens para o prazer da leitura; contudo, estamos longe de isso ocorrer na prática. O sujeito professor precisa viabilizar a deselitização dos livros e da leitura, por meio de um processo constante de conscientização, envolvendo tanto os educadores, sejam eles pais, professores, bibliotecários como as autoridades governamentais, que possuam o poder decisório.

Assim, a valoração do cenário escolar parece ser uma alternativa viável que a leitura seja democratizada, nesse espaço privilegiado para refletir o aspecto social. Temos obrigação de re-

*Jeda M. Donati
Lince*

*Antonio Escandiel
Souza*

22

pensar a forma como o processo de leitura vem sendo conduzido no cotidiano. Ciente disso, a escola deve visar à responsabilidade dos educadores e governantes, no sentido de que seja efetivamente propiciada à comunidade em geral o acesso real e concreto à leitura. Cientes da importância desse processo, no item a seguir acrescenta-se um dos, se não o mais importante, fatores que influenciam no despertar para o verdadeiro aprender.

Essa é a função do projeto implantando, pois a partir dele, podemos questionar questões pertinentes à leitura, com base nos depoimentos dos participantes, bem como nos resultados obtidos durante as oficinas desenvolvidas.

*Um dizer discursivo
sobre a leitura:
diálogo, prazer e
autonomia*

3 O PROFESSOR E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA À APRENDIZAGEM

23

Ler e estudar deveriam ser entendidos como um grande investimento, cujo lucro seria o crescimento do país, que teria cidadãos mais letrados, portanto, mais conscientes, mais pensantes e muito mais críticos. Ler e estudar na escola deveriam ser um direito inquestionável garantido a todos. Saber ler e estudar na escola faz parte do direito constitucional à educação e, esse, deve ser garantido pelo educador que tem a responsabilidade de ensinar, mediar, levar o aluno a aprender a aprender. Ele precisa ter um olhar novo para ver velhas coisas de maneiras diferentes. O educador, nesse sentido, precisa ser protagonista do conhecimento, ser um eterno aprendiz, curioso e saber despertar isso no aluno; ser um provocador e não deve ter receio de ser provocado. Ele deve ser inquieto, um despertador da curiosidade, um sujeito que amplia e torna mais complexa a nossa visão de mundo. Para tanto, contudo, ele precisa, primeiro, ser um bom leitor e um entusiasta, pois “cremos que é mais do que chegada a hora do professor se assumir como agente histórico de transformação, comprometendo-se com a alteração, tanto das condições objetivas, quanto subjetivas de seu trabalho” (VASCONCELOS, 1986, p. 12).

Diversidade de textos, de estratégias, objetivos de leitura e até “didatismo” são necessários para a formação do leitor. Ler e estudar deveriam ser relacionados e entendidos como um grande

investimento, cujo lucro é o grande conhecimento do aluno, que se torna assim, um cidadão letrado, crítico e liberto. Consegue-se conciliar, então, tudo isso ao prazer, à liberdade do educando que começa a fazer suas escolhas, partindo desse pressuposto. Vale registrar:

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É um alimento do espírito. Igualzinho à comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição, de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche prato é iguaria mais deliciosa do mundo (MACHADO, 2005, p. 67).

Jeda M. Donati
Lince

Antonio Escandiel
Souza

24

A reforma educacional de qualquer estirpe não funcionará a menos que os professores sejam fortalecidos no seu processo de formação, enquanto aguçador do gosto pela leitura. É ele que tem poder de decidir com os alunos o que é indispensável ler, para que se possa ter uma vida melhor. Em algumas reformas democráticas, o professor deve se incorporar em um pensamento crítico, para que suas ideias possam, dessa forma, se sustentar e obter a chance do sucesso. Estudos comprovam que em todas as Américas os professores têm perseguido os programas de pensamento, os quais veem por ridicularizar os objetivos políticos e educacionais das escolas. Se o ato de pensar do professor já é desfavorável até para ele mesmo, quem irá ouvi-lo para uma melhora em suas metodologias educacionais? Querer mudar o mundo é objetivo de todo aquele que tem um ideal, mas como, por onde devemos começar? As mudanças virão pela leitura. Quando os professores se conectam em uma teoria pedagógica e prática, o ensino e as questões mais amplas ganham espaços diretos para as suas soluções. Com essas habilidades formadas, cria-se uma apreciação da importância do papel do professor, enquanto fomentador do gosto pela leitura. Quando o ensino é visto como uma importante posição, a leitura poderá ser trabalhada em condições nas quais se tenha tempo para sonhar, pesquisar e buscar uma reflexão crítica para trabalhar uma reconstrução nas comunidades de suas escolas.

Para que o aluno goste de ler, cabe à escola trabalhar a leitu-

ra em todos os sentidos, mas cabe também às famílias dar início a esse processo, mesmo que em nível oral. A escola deve ser mediadora desse processo. Estudos comprovam que pais que costumam ler perto de seus filhos os estimulam a serem bons leitores e escritores. Ou mesmo de pais que contam história para seus filhos, aguçam o desejo à leitura. Infelizmente, hoje é muito mais fácil ouvir uma notícia, ligando a televisão do que ler um jornal. Para as crianças essa facilidade não é saudável, pois ela não estimula o pensamento e o raciocínio. É aí que escola deve interferir, isso em respeito a seu aluno. No mínimo, deve chamar os pais dos alunos incentivando-os a cultivar o prazer pela leitura, para que possam repassar isso a seus filhos.

Isso é o ideal de educação. Mas como conquistar este objetivo? A metodologia aplicada nas escolas pode ser estendida para um atendimento mais específico aos pais, para que os mesmos possam constituir a ideia da boa leitura para seus filhos, sem frustrá-los ou prejudicá-los em relação a esse novo processo. Com isso, busca-se a parceria entre a comunidade e a escola, que a partir desse pressuposto, torna-se uma escola modelo para os padrões curriculares. Trabalhar essa nova atividade irá mostrar aos pais ou responsáveis que o trabalho deles será dar estímulo e incentivo, pois as crianças precisam muito disso.

Embora não se faça distinção entre hábito e gosto pela leitura, ao menos no que diz respeito à formação do leitor, acreditamos que a própria dinâmica da leitura justifique a diferenciação. Na medida em que a atividade de leitura se mostra como centro de todo o processo de ensino-aprendizagem - qualquer conteúdo é sistematizado pela escrita - é evidente que, para qualquer sujeito em fase de escolarização, a leitura é um hábito, no sentido de que é uma atividade realizada quase que diariamente, durante horas.

O testemunho de inúmeras crianças que aprendem pelo método do conto, desmentem as asserções daquelas que, por medo o relegam à posição secundária. Crianças de favela, ou do meio rural, das cidades grandes e pequenas, do litoral, crianças do norte e do sul do país têm sido alfabetizadas com livros de contos, sem problemas, sem desajustamentos, muitas, iniciadas, apenas, pela oralidade. “O importante é ler”, dizem os alunos do projeto aqui apresentado.

De forma geral, ainda não conseguimos implantar novos métodos de ensino, talvez, por insegurança das próprias camadas dirigentes. Talvez porque não nos detivemos ainda num estudo minucioso e profundo do processo de ler e da maneira como é vivenciada a leitura no Brasil. Os movimentos a favor de melhores processos, de melhor material, representam esforços isolados de alguns educadores, em alguns Estados. É tempo de prosseguir, de difundir novas ideias, pois não dá mais para fazer de conta que se ensina e que os alunos aprendem.

Pela nossa prática, outro aspecto que serve de estímulo para o aluno é o material confeccionado pelo professor. Esse material refere-se à literatura oferecida e aos conteúdos informativos pesquisados. Livros usados, artigos de jornal, poesias, novelas, noticiário, informações sobre as unidades de trabalho em andamento, palavras cruzadas, quebra-cabeças, tudo deve ser selecionado e confeccionado pacientemente, porque a maioria de nossas escolas é pobre. No entanto, vale ressaltar que muitas vezes nos deparamos com escolas que não possuem nenhum tipo de auxílio governamental que lhes possibilite material de custo. Mesmo assim, o professor, com sua grande imaginação e interesse, utiliza muitos recursos, nessa iniciativa. As crianças também devem auxiliar no material confeccionado. Convém ressaltar:

A tarefa de selecionar materiais de leitura é, em todos os níveis e modalidades da educação, uma das tarefas mais árduas que o professor tem de assumir em sua atividade pedagógica. Selecionar implica avaliar e, portanto, atacar o caráter de objeto possível de avaliação de todos os materiais de leitura: os objetos a selecionar passam a estar sujeitos a juízos racionais em função de diversos critérios (KAUFMAN, 1995, p. 45).

Dessa forma, tanto educador como educandos, sentir-se-ão responsáveis por sua classe, mais integradas pela sua maior participação na vida e nas atividades escolares. Ali, sentir-se-ão personagens de uma história de leitura e revisão de mundo. Com o professor, os alunos planejam atividades, leem, contam e recriam histórias, cuidam e guardam os livros, arrumam a mesa, ajudam na organização da biblioteca, entre outras contribuições. São eles leitores e personagens de suas histórias.

Sabemos que isso não é fácil de ser concretizado, pois “com

objetivos tão amplos, visando à formação de hábitos, atitudes e habilidades do progresso de ler, à formação de padrões de comportamento, à integração a leitura, à personalidade requerem material cuidadosamente selecionado e utilizado” (BAMBERGER, 2000, p. 39). Exigem, sobretudo, um educador entusiasta, que vitalize o ensino, que proporcione ambientes diferenciados e reais situações de leitura, que se dedique a todos e a cada um dos envolvidos. Eis aí uma proposta a ser seguida. É preciso, porém, querer, mas querer mesmo.

4 PROJETO LEITURA: UMA PRÁTICA À LIBERDADE, APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS

*Um dizer discursivo
sobre a leitura:
diálogo, prazer e
autonomia*

27

O projeto *Leitura: uma prática à liberdade*, desenvolvido numa escola de periferia de Cruz Alta, RS, visa despertar o interesse e gosto pela leitura, dos alunos envolvidos. Pela leitura, busca-se desenvolver a autonomia entre os alunos por meio de atividades e dinâmicas que proporcionem o reconhecimento de direitos e deveres sobre o processo de ensino / aprendizagem.

Nesse projeto, trabalha-se também com a perspectiva de que além de enriquecer o vocabulário, a leitura tem um papel formador diante da sociedade, pois ela está diretamente ligada à cultura em um meio socioeconômico, modalizador de novos profissionais para o mercado de trabalho. Mas acima disso, leva-se em conta que as crianças participantes do projeto têm um vocabulário próprio, protagonizado pelo meio social em que vivem. Um dos nossos desafios é dar-lhes o direito de conhecer-se, de sonhar, viajar, e até criar um mundo melhor, mesmo que de forma imaginária.

A partir dessa disposição, surgem dentro do projeto de leitura outros subprojetos, que vão desde oficinas de teatro e dança até cursos gratuitos de informática para os participantes. Para que isso aconteça de maneira coerente e justa, existe um acompanhamento dos alunos, visitas regulares as suas casas, comprometendo os responsáveis a estimularem os participantes a buscarem cada vez mais a leitura como algo prazeroso e requisito indispensável ao aprendizado.

A visita regular às famílias é fundamental, pois nascer em

uma família de leitores é algo muito raro hoje em dia no Brasil. Por isso, buscou-se juntamente com a comunidade e a escola, uma espécie de união entre ambas, pois sabemos que os alunos do projeto precisam de incentivo para qualquer de suas ações ou atitudes. Qualquer política de expansão precisa passar pelo estímulo à formação de bibliotecas. Apesar de este ser um ponto sobre o qual é difícil de agir, temos bons motivos para não desanimar, pois já esteve pior em governos anteriores.

Outro aspecto que serve de estímulo para a criança é o material confeccionado pelo professor nas atividades presentes no nosso projeto. Este material refere-se à literatura e aos conteúdos informativos. Livros usados, artigos de jornal, poesias, novelas, noticiário, informações sobre as unidades de trabalho em andamento, palavras cruzadas, quebra-cabeças, tudo é selecionado e confeccionado pacientemente, porque a nossa escola é realmente carente.

Nos encontros que proporcionamos, além dos aspectos referidos, ao trabalhar com leitura, o professor também observa se: a obra é lúdica; é simples; desperta a curiosidade; é variada em elementos e situações; representa o universo infantil e/ou juvenil; relaciona-se com a realidade; propicia identificação do leitor com as personagens. “É importante, sobretudo, que o texto, ao mesmo tempo em que funcione como um instrumento de integração do sujeito ao meio, [...] conduza-o a refletir sobre a realidade, posicionando-se criticamente diante da mesma” (ZILBERMAN, 1993, p. 87).

O interesse dos participantes surpreende a cada novo encontro. Eles perceberam que a leitura é apenas o ponto de partida para a busca de um novo mundo, de uma nova aventura, de uma nova viagem inventada. Percebem também que a prática da leitura é uma possibilidade de se tornarem mais críticos, mais falantes e autônomos e que mesmo excluídos pela sociedade e carentes de um olhar público para enunciar suas capacidades, podem fazer a diferença.

Considerações finais

Uma coisa é certa: a leitura está presente em todos os mo-

mentos de nossas vidas. Outro aspecto inegável é que o hábito de leitura não basta, temos que ter o gosto pela mesma, para que consigamos incorporá-la às atividades do nosso cotidiano e do nosso aluno. E mesmo que lamentável, parece que a responsabilidade pela orientação desta prática e pela formação do leitor é atribuída somente à escola.

Esse fato mostra a importância do professor no processo, sendo fundamental que ele se disponha a trabalhar com a leitura, na prática. Por isso, é necessário esclarecer e questionar certos conceitos de leitura e, ainda, atender para a questão da falta da mesma, bem como de recursos físicos e humanos para conduzir o processo de formação de leitores.

Sabemos o quão importante é a leitura para o desenvolvimento de uma pessoa, pois não se trata apenas de decodificação de um código escrito. O ato de ler é complexo e profundo, por isso é preciso estar apto a ensinar para transformar o hábito de ler em prazer. Ler decodificando, interpretando e concluindo, a partir do código escrito, é uma necessidade evidente que facilitará a comunicação com os outros e a compreensão das coisas com as quais se entra em contato. “Ler não é, então, apenas decodificar palavras, mas converter-se num processo compreensivo que deve chegar às ideias centrais, às inferências, à descoberta dos pormenores, às conclusões” (ZILBERMAN, 1993, p. 26).

Teoricamente, todo professor sabe que é preciso despertar as crianças e os jovens para o prazer da leitura, mas é necessário viabilizar a sua deselitização, através de um processo constante de conscientização, envolvendo tanto os educadores, sejam eles pais, professores, bibliotecários, como as autoridades governamentais, detentores do poder decisório. Esse processo deve visar à responsabilidade dos educadores e governantes, no sentido de que propiciem à comunidade em geral o acesso real e concreto à leitura.

A certeza da sua importância deve bastar para motivar a implantação de projetos de leitura, envolvendo toda a comunidade escolar, num clima de parceria e construção coletiva, tendo o educando que como sujeito de direito à educação, merece ser envolvido pelo prazer de ler. Experiências mostram que a participação e o comprometimento dos envolvidos aumentam gradativamente, pois se aplicarmos uma metodologia na qual o aluno

realmente assuma o papel de sujeito, considerando a individualidade, o coletivo será repensado e, com certeza, melhorado e difundido.

O profissional consciente da sua função de educador deverá sempre buscar meios para se aprimorar a forma como conduz a sua leitura, para, assim, poder repassar isso aos seus alunos. O professor que trabalha com leitura deve ter muitas “boas leituras” e deve também estar a par de técnicas e recursos que possam ser utilizados em favor da verdadeira interação do leitor com o texto, e isto só será possível depois de despertar em seus alunos o interesse real e permanente pela leitura. “É importante que a criança perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário e que tenha os adultos como modelo” (BATISTA et al., 2006, p. 40). Nessa perspectiva, não é necessário que a criança espere aprender a ler para ter acesso ao prazer da leitura: pode acompanhar as leituras feitas por adultos, pode manusear livros e outros impressos, tentando “ler” ou adivinhar o conteúdo.

O ato de ler assegura a formação de sujeitos mais complexos, o que significa uma comunidade mais capaz de compreender, criticar e modificar sua realidade. Reiteramos que “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. A leitura pode expandir os conhecimentos de quem lê, bem como ampliar seus horizontes, enriquecendo a sua linguagem e seu vocabulário” (BAMBERGER, 2000, p. 13).

Por isso, é preciso resgatar o desejo de aprender de alunos e professores, em um jogo de troca de lugares de quem ensina e de quem aprende, sem que esses elementos se percam de seu lugar de referência. Esse desejo será satisfeito realmente, se houver um trabalho organizado e permanente em relação à leitura. Isso parece utópico, mas não é, pois há muitos recursos simples, eficazes e disponíveis para auxiliar os alunos a se tornarem leitores, principalmente se trabalharmos de forma séria, agradável e comprometida. Eis aí a relevância de se perceber a leitura como caminho à autonomia e ao prazer, para que o leitor possa ser sujeito de sua própria história.

A discursive say about reading: dialogue, pleasure and autonomy

Abstract: Reading, transformer object in the relationship between teaching and learning is a habit that is present in every moment of the subject's life. And, above all, is integrated into your development as enabler systematic language, writing and personality. The act of reading, considered in its wider dimension, constitutes one of the mechanisms through which it is possible to better understand the world, their shortcomings and possibilities . However, the habit of reading is not enough, you must have the same taste , so you can incorporate it into the daily activities in a pleasant way . The habit of reading facilitates dialogue, the person becomes more critical and subject to change. Aware of this, the project Reading a practice of freedom, associated with the University High Cross, developed since 2007, in the peripheral schools of the city, seeks to foster a love of reading. Students participating in the project include, from recreational activities and dynamics, what we read, realizing that this practice can provide much pleasure, added to the learning of other disciplines. With the help of monitors, teachers and scholars to foster in children and young people , the project participants , the pleasure of reading , attending and leading to the formation of new readers , capable of transforming the environment in which they live.

Keywords: Teacher. Reader. Mediator. Transformation.

Referências

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de ler*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BATISTA, A. A. G. et al. *Capacidades linguísticas da alfabetização e a avaliação*. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância./UFMG. 2006. (Coleção Pró-Letramento. Fasc. 01. Alfabetização e Linguagem). 40 p. (frag-

mento).

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Trad. de Moacir Gadoti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Jeda M. Donati
Link

Antonio Escandiel
Souza

32

_____. *Educação como prática à liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KAUFMAN, Ana Maria. *Escola, Leitura e Produção de Textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KRAMER, Sônia. *Alfabetização leitura e escrita: Formação de professores em curso*. São Paulo: Ática, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os Clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. *A literatura de dar prazer*. São Paulo: Nova Escola, 2005.

MURRAY, Roseana. Leitura apaixonada. In: GARCIA, Pedro Benjamim; DAUSTER, Tânia. *Teia de autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VASCONCELOS, Celso dos S. *Para onde vai o professor?* 4. ed. São Paulo: Libertad, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2000.

_____. (Org.). *Leitura em crise na escola*. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.